



JOÃO NOGUEIRA DA MATA



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 - 2018

MANAUS DE SEMPRE



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda - v. 23



NOTA EXPLICATIVA SOBRE ESTE LIVRO ELETRÔNICO

Os direitos sobre os textos contidos neste livro eletrônico são reservados ao(à) seu(sua) autor(a) e estão protegidos pelas leis de direito autoral. Esta é uma edição eletrônica, não comercial, que não pode ser vendida nem comercializada em hipótese nenhuma, nem utilizada para quaisquer fins que envolvam interesse monetário. Em caso de citação acadêmica deste E-book, todos os créditos e referências devem ser dados ao(à) autor(a), a Academia Amazonense de Letras e a Reggo Editorial.

Este projeto foi contemplado pelo "Programa Cultura Criativa, 2020 / Lei Aldir Blanc – Prêmio Feliciano Lana" do Governo do Estado do Amazonas, com apoio do Governo Federal, Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Fundo Nacional de Cultura.



Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL



Coleção
Pensamento Amazônico
Série João Leda – v. 23

MANAUS DE SEMPRE

JOÃO NOGUEIRA DA MATA



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
(1918-2018)



DIRETORIA
BIÊNIO 2020/2021

Presidente

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Vice-Presidente

MARCUS LUIZ BARROSO BARROS

Secretário-Geral

EULER ESTEVES RIBEIRO

Secretário-Adjunto

ARISTÓTELES COMTE DE ALENCAR FILHO

Tesoureiro

ABRAHIM SENA BAZE

Tesoureiro-Adjunto

FRANCISCO GOMES DA SILVA

Diretora de Patrimônio

CARMEN NOVOA SILVA

Diretora de Promoções e Eventos

MARILENE CORRÊA DA SILVA FREITAS

Diretor de Edições

JOSÉ DOS SANTOS PEREIRA BRAGA

Conselho Fiscal

MARIA JOSÉ MAZÉ SANTIAGO MOURÃO

LAFAYETTE CARNEIRO VIEIRA

MAX CARPHENTIER LUIZ DA COSTA

Conselho Fiscal – Suplentes

SERGIO VIEIRA CARDOSO

JOSÉ GERALDO XAVIER DOS ANJOS

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil

Av. Ramos Ferreira, 1.009

CEP.: 69010-120 – Centro de Manaus

Manaus-Amazonas

Tel./Fax: (92) 3342-5381

Site: academiaamazonensedeletras.com

E-mail: academiadeletras.am@gmail.com

SUMÁRIO

Palavra do Presidente	7
Da mesa do editor	9
Manaus de sempre.....	11

© **João Nogueira da Mata**, 2021

Coordenação Editorial
José Braga

Comissão Editorial

Marcos Vilaça, Elson Farias, William Rodrigues, Bernardo Cabral, Lafayette Vieira,
José Braga, Carmen Novoa Silva, Dom Luiz Vieira, Márcio Souza, Almino Affonso,
Aristóteles Alencar, Sergio Cardoso, Artemis Soares.

Produção Editorial
Marcicley Reggo, Dayana Teófilo

Capa e Projeto Gráfico
Marcicley Reggo

Imagem da capa
Praça 15 de Novembro. Catedral Nossa Senhora da Conceição. Acervo IBGE

Digitalização dos originais
Roumen Koynov

Ficha catalográfica
Ycaro Verçosa dos Santos – CRB-11 287-AM

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M425m Mata. João Nogueira da.
Manaus de sempre. Manaus: Reggo/Academia
Amazonense de Letras, 2021.
Edição digital (formato .pdf)
Coleção Pensamento Amazônico.
Série João Leda– v. 23;
ISBN 978-65-86325-50-8
1. Manaus – História I. Título

CDD 918.113

Depósito Legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei n.º 10.994,
de 14 de dezembro de 2004. Todos os direitos reservados (Lei 9.610/98).
Partes desta publicação poderão ser citadas, desde que referenciada a fonte.

2021

REGGO EDITORIAL

Rua Rio Javari, 361
N. Sra. das Graças – Sala 303
69053-110 – Manaus-AM

REGGO Fone: (92) 98817-0172
@editorareggo

PALAVRA DO PRESIDENTE

Robério dos Santos Pereira Braga

João Nogueira da Mata, amazonense de Manaus, integrou a Academia Amazonense de Letras em tempos mais recentes, com o brilho de sua inteligência, mas em quase recolhimento permanente, poucas vezes comparecendo às tertúlias do Silogeu, uma delas na posse do acadêmico José dos Santos Pereira Braga, recebido em brilhante discurso pelo ex-governador Plínio Ramos Coelho. Na ocasião, Nogueira comentou em tom respeitoso: "vim ouvir o mestre; vim acolher o jovem brilhante cujos passos inaugurais conheci no magistério".

Jornalista, professor, político, cronista, João Nogueira da Mata foi daqueles que, de forma apaixonada, escreveu sobre Manaus, suas figuras populares, brincadeiras, folguedos, épocas e visões de sua infância e juventude, e, vez em quando, sobre a paisagem política de seu tempo de deputado e governante.

Homem simples, devotado à família e ao recolhimento do estudo, naturalmente depois de brilhar na tribuna do parlamento e dos comícios ardentes das pugnas eleitorais e antes delas, legou inúmeros trabalhos publicados, quase sempre, em edição modesta, com seus parcos e próprios recursos financeiros, mas fazendo questão de dar a público o seu pensamento e suas experiências.

A sua vida política teve início no Ginásio Amazonense Pedro II, seguindo-se na Faculdade de Direito do Amazonas de cujo diretório foi presidente em dois mandatos, ao mesmo tempo em que se animava no campo literário, quando fundou o "Grêmio Literário Pedro II", foi o redator-chefe do periódico "O Estudante", perfilando-se com Mário

Ypiranga Monteiro, Lúcio da Cunha Fiúza, Edmundo Fernandes Levy e José Tavares da Rocha, e, ainda, no “Centro Astrolábio Passos”, da Faculdade, até ser deputado estadual constituinte em 1935, membro do Conselho Administrativo do Estado em 1939, deputado federal e interventor federal em substituição a Júlio da Silva Nery e em lugar de Sizen Sarmento, novamente deputado federal, e, mais adiante, secretário geral do Estado.

Ingressou na Academia na poltrona sob patrocínio de Adriano Jorge. Publicou, em 1957, “Nos Prélidos da Vida”, em 1960, “Flagrantes da Amazônia”, e adiante, “Nos Altiplanos do Nhamundá (1967); “Águas Lendárias” (1969); “A Amazônia na História” (1977); “Biografia da Borracha” (1978); “Amazônia: Terra da Promissão” (1978); “Cancioneiro Manauara” (1982); “Selva Selvagem” (1981); “Reminiscências Literárias” (1988); “Nos Domínios da Literatura” (1990); e “Crônicas da Amazônia” (1990), ao que se somam artigos de imprensa em “O Jornal” “Jornal do Comércio”, “Diário do Amazonas”, “Amazonas em Tempo” e na revista “Manaus Magazine”.

Manaus de sempre é um destes trabalhos, com o qual a Academia Amazonense de Letras o homenageia e o inclui entre os autores cujas obras estão sendo disponibilizadas na rede mundial de computadores, em coleção especial da instituição, para o mais amplo conhecimento dos leitores e pesquisadores sobre temas regionais.

DA MESA DO EDITOR

Acadêmico José Braga

O livro constitui a principal e mais genuína vocação das academias de letras, uma espécie de missão sempre inconclusa e desafiadora.

Criação engenhosa do mundo novo virtual, o “livro sem papel” muito contribuirá para a difusão e democratização do conhecimento.

Acompanhando os novos tempos, a Academia Amazonense de Letras reuniu 40 obras de seu precioso acervo, que foram vigília e foram luz nesta Casa, legado intelectual de nossos antecessores, cujas edições se acham esgotadas, revitalizando-as e disponibilizando-as sem qualquer custo para a atual e futuras gerações de leitores.

Um resgate de parte do que, ao longo da centenária e luminosa trajetória deste silogeu consubstancia o que se pode chamar de Pensamento Amazônico, inspirado no ideal acadêmico.

Com o uso da nova tecnologia, amplia-se consideravelmente o acesso dos leitores à produção intelectual acadêmica, popularizando-se cada vez mais o livro e sua função libertadora.

Festejemos, pois, esta conquista!

Casa de Adriano Jorge, setembro, 2021.

JOÃO NOGUEIRA DA MATA

(Da Academia Amazonense de Letras)



MANAUS

DE

SEMPRE



Gráfica REX Ltda.
Av. Epaminondas, 390
Manaus

ÍNDICE GERAL

1.ª PARTE

Alfândega Velha	Página	17
Baía do Rio Negro	"	19
Macacos das Torres	"	21
Catruais Portuguesas	"	23
Estivadores do Porto	"	25
Teatro Amazonas	"	27
Praça de São Sebastião	"	31
Colégio Estadual Pedro II	"	33
Colégio D. Bosco	"	35
Praça da Polícia	"	37
Tradição Conculcada	"	39
Botequim "Sereia" (I)	"	41
Quebra-Quebra na "Sereia" (II)	"	43
Os Dois Gordos da Avenida	"	45
Negrinha das Cocadas	"	47

2.ª PARTE

Catedral de Manaus	Página	51
Missa das Dez	"	53
Praça da Matriz	"	55
Graça Alcançada	"	57
Diante de Jesus	"	59
Adolescência	"	61
<i>In Medium Stat Virtus</i>	"	63
Canção de Fé e Esperança	"	65
Mocidade	"	67
<i>Ego Sum Qui Sum</i>	"	69
Muiraquitã	"	71
Chegada dos Salesianos	"	73
Tiradentes	"	75
Vexilários da Liberdade	"	77

3.ª PARTE

Palácio Rio Negro	Página	81
Cachoeirinha de Ontem	"	83
Quermesses de Santo Antônio	"	85
Bonde do Governador	"	87
Bondes da "Tramways"	"	89
Carnaval de Rua	"	91
Em Tórno das Fogueiras	"	93
Mulher dos Banquinhos	"	95
Messiana	"	97
Rezadeira	"	99
Futebol Noturno	"	101
Banhos de Igarapé	"	103
José Guarda-Civil	"	105
Exaltação à Cachoeirinha	"	107
Maturidade	"	109

Obras do autor já publicadas :

Nos Prélíos da Vida	1 957
Flagrantes da Amazônia	1 960
Nos Altiplanos do Nhamundá	1 967
Discurso de posse na A. A. L.	1 968
Águas Lendárias	1 969
A Amazônia na História	1 977
Biografia da Borracha	1 978
Amazônia — Terra da Promissão	1 978
Cancioneiro Manauára	1 981
Selva Selvaggia (Poesia)	1 981
Manaus de Sempre (Poesia)	1983

Próximos lançamentos :

Referências Literárias	
Crônicas da Amazônia	(interioranas)
Manaus por Dentro	(urbanas)

ANTEÂMBULO

Ex-aluno do Colégio D. Bosco ainda dos idos de 1921 — ano de fundação desse educandário, que honra os foros de cultura de nosso Estado — João Nogueira da Mata despertou bem cedo para o cultivo das letras. Começou por um concurso literário, em que obteve o primeiro lugar, promovido pelo professor Júlio Benevides Uchoa. O trabalho foi inserto na **"Página Escolar"**, órgão lançado sob a direção de padre Guilherme Barbosa.

Vocacionado assim para as letras, adentrou também no jornalismo estudantil através de **"A Marreta"** e de **"O Revedor"**. Ambos de vida efêmera. Foram seus companheiros de redação, dentre outros — Ivan Ribeiro, filho primogênito de Alfredo Augusto Ribeiro Júnior, chefe da Revolução de 23 de Julho de 1924 em Manaus — Clóvis Soissons da Rocha (inspirado poeta) e Armando Fernandes.

Tranferido para o Ginásio Amazonense Pedro II, entrou em contato com numerosos jovens idealistas, fundando o **"Grémio Literário Pedro II"**, do qual faziam parte, como elementos de vanguarda, Mário Ypiranga Monteiro, José Assunção de Menezes, Fran-

cisco Carioca Benfica, Harry Padilha, José Tavares da Rocha, Francisco Castelo Branco, Oder Poggi de Figueiredo, Arinos Barroso Franco, Alcenor Madeira e Lúcio da Cunha Fiuza. Este editou também "Folha Nova" e "A Garota"

O "Grêmio Literário Pedro II", além de reuniões bastante movimentadas, com palestras que então alcançaram o maior êxito, contou com o apoio decisivo dos professores Plácido Serrano Pinto de Andrade (diretor do Ginásio), Álvaro Maia, Carlos Mesquita e Paulo Eleutério Álvares da Silva. "O Estudante" era o órgão noticioso do Grêmio, que sempre deu à estampa trabalhos de Plácido Serrano e Álvaro Maia.

As tertúlias continuaram de 1932 em diante no "Centro Astrolábio Passos", na Faculdade de Direito, quando importantes teses foram entusiasticamente debatidas pelos acadêmicos Mário Jorge Couto Lopes, Roberval Belfort dos Santos, José Tavares da Rocha, Renato da Gama Bentes, Castro Pinto, Porciúncula de Moraes, e tantos outros. Teses que vinham do plenário da Assembléia Nacional Constituinte, como o ensino religioso nas escolas e o casamento religioso com efeitos civis. Formaram-se duas correntes: a dos católicos e a dos livres pensadores. De tal maneira ficaram os ânimos exaltados, que um dia o acadêmico Porciúncula de Moraes, sacando de um revólver, colocou-o sobre a banca, declarando em tom ameaçador:

— Vamos ver quem está com a razão!

— Pois vamos! — reagiu Castro Pinto, colocando também seu "queimante" à vista do antagônista. Houve um momento de suspense. Felizmente

tudo acabou bem, e os debates prosseguiram com a mesma frequência nos dias posteriores.

A carreira política de Nogueira da Mata, no transcurso dos anos — deputado estadual, membro do Conselho Administrativo, Interventor Federal e deputado federal, de 1948 a 1950 — em momento algum impediu que exercesse outras atividades. Assim é que, vinculando-se à "União de Moços Católicos de Manaus", da qual chegou à presidência, por dois períodos consecutivos, passou a formar nos escalões da Boa Imprensa, como redator principal de "A Reação", ombro a ombro com Moacir Dantas Cavalcante, Herbert Palhano e José Luiz de Araújo Neto.

Durante todos esses anos, de intenso trabalho, inclusive nas aulas diurnas e noturnas do Colégio D. Bosco — em nenhuma oportunidade esteve alheio às atividades literárias. Além de pronunciamentos jurídicos, quer no Legislativo Estadual, quer no Conselho Administrativo, ainda era convidado para proferir conferências no Teatro Amazonas, na Praça General Osório (dia do Reservista), no Ideal Clube (campanha *queremista* de padre Agostinho) e no próprio Colégio D. Bosco, por ocasião do encerramento de anos letivos. Algumas dessas peças estão enfeitadas no livro "Nos Préludios da Vida", lançado em 1957.

Reativando sua presença nos domínios da criação literária, com a eleição, em 1958, para a Academia Amazonense de Letras, como continuador de seu conspícuo professor de Psicologia no Ginásio. dr. Adriano Augusto de Araújo Jorge — Nogueira da Mata conseguiu entregar ao público, além do livro acima citado, mais os seguintes, todos bem

recebidos pela crítica do sul e de Manaus: **Flagrantes da Amazônia**", **"Nos Altiplanos do Nhamundá"**, **"Águas Lendárias"**, **"A Amazônia na História"**, **"Biografia da Borracha"** e **"Amazônia — Terra da Promissão"**.

"Cancioneiro Manauara" e **"Selva Selvaggia"**, há pouco vindos a lume constituem os primeiros livros de uma série poética de cinco que serão entregues à publicidade — todos já elaborados — **"Manaus de Sempre"**, **"Poesia dos Humildes"** e **"Escrínio de Reminiscências"**. Constam ainda de sua pauta de trabalhos: **"Crônicas da Amazônia"**, **"Manaus por Dentro"** e **"Nos Domínios da Literatura"**.

1.^A P A R T E

ALFÂNDEGA VELHA

Quem alcança Manaus a navegar
em barcos, ou paquetes elegantes,
avista, à entrada, os mirantes
da Alfândega que veio do Ultramar.

Em blocos muito bem pré-fabricados,
procedentes de Londres, capital
do mais famoso império ocidental,
dentre os que dominavam consagrados.

Aqui montada, em formas imponentes,
em área vinculada ao mistér,
pôde assim no transcurso de anos ser
o empecilho maior dos delinquentes.

Orgulho da cidade em crescimento —
do próprio Fisco alerta às transgressões —
logrou conter, nas grandes transações
da praça, as investidas do momento.

Genial projecção é da arte inglesa,
sóbria nos traços, hirta em resistência,
conserva ainda hoje a eminência
de um monolito contra a safadeza.

Durante largos anos de labuta,
contou, em toda linha, com o denodo
de servidores prontos para todo
sacrifício imposto pela luta.

Recuperada, há pouco, a contento,
inclusive nas cores primitivas,
tanto quanto possível redivivas,
deram-lhe, pois, feições de monumento.

Manumento, ou museu algo pomposo,
histórico, e bem nobilitante,
de modo venha a ser daqui por diante
a imagem de um passado glorioso!

BAÍA DO RIO NEGRO

A largura lhe deu celebridade,
segundo Homet, que viu sua realeza,
capaz de dar abrigo à esquadra inglesa,
sem problema qualquer de exigüidade.

Por ela andaram em idas e venidas,
nos dias agitados de conquista,
alígeras ubás, que tinham em vista
a comosse de terras invadidas.

Dessa luta é que veio o bravo Forte
de São José, entregue a portugueses,
na vigília incessante ao Extremo-Norte.

De autóctones fiéis à raça branca
surgiu Manaus, "cidade mãe dos deuses",
o fulcro principal da Zona Franca!

MACACOS DAS TORRES

No "Roadway", nos trabalhos rotineiros
da carga ou da descarga,
os homens da pesada,
da estiva relegada a outro plano,
quedavam-se esbaldados,
nos pranchões encharcados.

E era exatamente nessas horas
que o bisonho garoto,
às vezes um maroto,
ficava longamente a contemplar
os navios da Lamport,
ou da Booth, melhor.

Enquanto cosagrados pelo povo,
os "Macacos das Torres",
trabalhando horrores,
passavam o dia em idas e venidas,
de cargas atulhados
para os "alfandegados".

Com a reforma que é feita, atualmente,
por técnicos navais
dos quadros nacionais,
esses Macacos quase atogenários,
vão sair — sorte avara —
do Porto manauara?

CATRAIAS PORTUGUESAS

Eram as catraias do Porto,
na chegada dos gaiolas,
os botes de fino trato,
impulsionados a faias,
de barqueiros portugueses,
quase todos de Varzim.

Botes feitos no além-mar,
de madeira muito boa,
pintados de azul e branco,
com tapetes caprichados,
legendas à ré, visíveis,
lembrando a "santa terrinha".

"Senhora dos Navegantes",
"Joaquim Adão", "Boa Fé",
e outros tantos vistosos,
a serviço de hotéis,
"Vasco da Gama" e "Avenida",
"Malheiros" e quantos mais.

Catraias do Porto, ontem,
constituíam a ciranda,
em derredor dos gaiolas,
que vinham dos altos-rios,
ou de Belém-do-Pará,
catraias de Portugal!

ESTIVADORES DO PORTO

Trabalhavam em nosso Porto
em dois turnos bem distintos:
das sete às onze horas,
das treze até de tardinha.

Bravos na luta braçal,
de soi a sol, tais os mouros,
nas cargas e nas descargas
de paquetes e gaiolas.

Paquetes da Booth Line,
da Ligure, da Lamport,
da Comarck e Companhia
Portuguesa de Paquetes.

Velozes barcos da River,
"navios da linha" chamados,
"gaiolas particulares",
também famosos na marcha.

Davam expressão à estiva,
nas fainas do Armazém Doze,
ou no Trapiche das Torres,
bem assim no Armazém Oito.

Foram esses homens valentes,
da terra, ou nordestinos,
que nos guindastes e tróeis
se tornaram heróis do Porto!

TEATRO AMAZONAS

Dominando a cidade pelo vulto,
em colina chantado com primor,
o Teatro Amazonas, em rigor,
presta à Borracha assim ínclito culto.

"Ao auge da Borracha", em tons gritantes,
quando Manaus em todos os brasis
era tida e havida qual Paris
pelos nossos ilustres visitantes.

Ilusão de grandeza numa fase
de magnificência decorrente
da magia dos preços, num repente,
em face do ouro negro como base.

Eduardo Ribeiro, ainda moço,
com o poder nas mãos, e à vanguarda
desta terra, quis ser um salvaguarda,
transformando-a de logo num colosso.

Nascido em São Luís do Maranhão,
cidade dos sobrados de azulejos,
das procissões faustosas e cortejos,
quis aqui renovado seu rincão.

Como aquela São Luís que Astolfo Serra,
em livro dado a lume com sucesso,
exibiu como área de progresso,
princesa sem rival em sua terra.

Do Teatro a construção foi suntuosa,
material de praças européias,
operários provindos de colmeias
de além-mar, ou da pátria solaçosa.

Decoração riquíssima, elegante,
de um De Angelis com quadros memoráveis,
Capranesi de telas bem notáveis,
seguidas do patricio Centofanti.

Além desses peritos dos pincéis,
outros deixaram os nomes vinculados
ao frio anonimato, soterrados,
irrelevantes, quase uns revéis.

Trabalho imprevisível pelos planos,
algumas vezes minguia de operário,
vezes outras em crise o próprio erário,
e assim se prolongou por vários anos.

Inauguração algo suntuária,
com uma companhia italiana,
além da casa toda numa insana
orgia de despesa tumultuária.

Daí por diante em nada se conteve
o governo ensejando promoções,
artistas revezavam-se em escalões,
à procura de chance, inda a mais leve.

Espanholas e norte-americanas,
numerosas também as portuguesas,
seguidas quase sempre de francesas,
eis as tais companhias soberanas.

A "Queda da Borracha" cessou tudo:
conjuntos teatrais não mais chegavam,
e os nacionais que então nos visitavam
só percebiam um povo que ficou e mudo.

Agora o antigo Templo renovado,
palco amplo, tantas cores refulgentes,
com frisas, camarotes atraentes,
relembra com prazer o seu passado!

PRAÇA DE SÃO SEBASTIÃO

É a praça mais famosa de Manaus,
revestida de granito
preto e branco, de Lisboa,
trabalho de portugueses,
lembrando trecho da lenda
que as criancinhas cantavam.

Em verdade, se a praça fosse minha,
com os requintes do "já teve",
dos esplendores da hévea,
"mandaria ladrilhar
com pedrinhas de diamantes,
para meu bem passear".

Do monumento nela soerguido,
alusivo à abertura
do Amazonas para o mundo,
tornaria mais fulgente,
na estátua talhada em bronze,
o facho que a mesma empunha.

Lembraria também o carnaval,
na trova que fez sucesso:
"vamos o samba dançar,
lá em São Sebastião,
vamos os sinos tocar,
bem-bão! bem-bão! bem-bambão!"

Tudo faria, enfim, que retornassem
à praça de meus amores,
referta de tradições,
com as quais se confundiam,
aqueles patins famosos,
biciclos do Cipriano!

COLÉGIO ESTADUAL PEDRO II

Proveio de vetusto Seminário
de padres carmelitas, catequistas,
quando, com doutrinas monarquistas,
formaram nestas plagas um ideário.

Construído, ao que dizem, na pobreza,
com reduzidos recursos do tesouro,
utilizaram índios, sem desdouro,
avultando por isso sua grandeza.

Fez-se no Império sua instalação
solene, sem quaisquer fórmulas graves,
na governança o culto Ernesto Chaves,
que deixou duradoura tradição.

Hoje conta com honras alcançadas
por mestres e ex-alunos eminentes,
nas letras e nas artes, nas candentes
profissões liberais tão decantadas.

Conserva em seus anais feitos notáveis,
de ontem um centro cívico de prol,
dos dias atuais belo arrebol
de sólidas conquistas, memoráveis.

É o Colégio-padrão de nosso Estado,
não-só por esses anos gloriosos,
senão também pelos lauréis famosos
colhidos no lutar bem aturado.

COLÉGIO D. BOSCO

Chegados a Manaus em vinte e um,
para nelá fundarem educandário,
os filhos de D. Bosco, o vexilário,
souberam projetar-se, um por um.

Pedro Ghislandi à frente dos irmãos,
Agostinho Martin entre os discentes,
procuraram aplicar, inteligentes,
os toques geniais nas sobremãos.

Oratório Festivo, eis o começo,
aos domingos, ou seja com recreios,
logo depois da missa, e outros meios
que uniam a juventude, sem tropeço.

A seguir, no Palácio Episcopal
de D. Irineu, Bispo Diocesano,
deram Pedro e Agostinho, àquele ano,
início à pregação de um ideal.

A ereção do Colégio, que é agora
orgulho para nós amazonenses,
foi obra árdua, cheia de suspenses,
por isso se tornou consagradora.

Hoje o D. Bosco erque-se altaneiro,
sóbrio nos traços, ínclito no vulto,
exemplo de trabalho ao mundo culto,
chantado em Manaus como um luzeiro!

PRAÇA DA POLÍCIA

Das praças com que hoje inda contamos,
nesta cidade algumas vezes quente,
a Praça da Polícia, realmente,
constitui um oásis que estimamos.

Há anos parecia mais fagueira,
os canteiros com grades ogivais,
as piscinas com peixes regionais,
e as aves que a tornavam prazenteira.

Suave a cobertura bem umbrosa
do arvoredado, nas horas de lazer,
em que o povo, tomado de prazer,
achava paz na vida trabalhosa.

Das retretas foi praça consagrada,
às quintas e domingos, sem falhar,
com a banda da Polícia Militar
música apresentando requintada.

Nela um dia acolhida alcançou,
ao pé de um mulateiro legendário,
o Clube Madrugada, literário,
e eloquentes tertúlias programou.

Área em que brincam jovens estudantes
do famoso Colégio Estadual,
transformando-se, romântica, em fanal
de tantos devaneios exultantes.

TRADIÇÃO CONCULCADA

(estilo modernista)

O dia do estudante era festivo,
nos ginásios, escolas e nos grupos,
missas em ação de graças celebradas
no altar do padroeiro milagroso.

A imprensa exaltava o grato evento,
emissoras de rádio comentavam
as manifestações religiosas,
tanto mais expressivas quanto justas.

Hoje, não sei porquê, a mocidade
tem outras opções na grande data,
talvez se sobrepondo ao saudosismo.

E Luís de Gonzaga, olhar sereno,
reza pelas ovelhas tresmalhadas
em seu recanto azul da Catedral.

BOTEQUIM "SEREIA"

I

No intervalo das aulas liberais,
naqueles idos bem que proveitosas,
era vezo o ataque às petitosas
guloseimas do Brás, sensacionais.

Caldo-de-cana à farta com pastéis,
"pão barão", consonte a quituteira,
refrigerantes todos de primeira,
ao gosto dos futuros bacharéis.

"Obrai", ó transmontano, aqui u'a média!
gritava qualquer um, voz abrupta,
e o Brás ria com aquela cara nédia.

Servia o cafezinho, quanto lembro!
que estimulava todos para a luta
no casarão da 7 de setembro.

QUEBRA-QUEBRA NA "SEREIA"

II

Mas a calma do Brás ao termo veio,
num desses dias algo azarados,
em que os estudantes açulados,
quiseram ver o "ponto" de escanteio.

O qubra-quebra foi arrazador,
destruidos espelhos de cristal,
iodofórmio espalhado como sal
pelo velho assoalho, oh! quanto horror!

Só depois de reforma por inteiro,
o pavimento feito de ladrilho,
retornou a "Sereia" ao costumeiro.

Eis, em resumo, a história que se evoca:
a reação do Brás perdeu o brilho,
casa de Jó virou casa de Noca.

OS DOIS GORDOS DA CIDADE

Não viam no trabalho a menor fuga,
a ele se moldaram por destino,
o primeiro da Itália, o Marino,
nascido em Portugal o Tartaruga.

Ambos gordões, de banhas liquefeitas,
um fabricava tenro macarrão,
o outro, igualmente pesadão,
vivia de vender as roupas feitas.

Lograram enriquecer, e assim famosos,
conseguiram eleger com urbanidade
a rechã de seus ganhos fabulosos.

Mas, Tartaruga, hábil transmontano,
ergueu um edifício na cidade
que é o próprio monumento ao lusitano!

NEGRINHA DAS COCADAS

Vocês não chegaram a ver
a negrinha das cocadas,
que fazia ponto à entrada
do Cine Politeama,
com tabuleiro entulhado
de doces à maranhense,
das guloseimas charmosas
que só ela conhecia
o segredo do praparo,
com tanta proficiência.

Outras doceiras vendiam
com lucro muito melhor,
madame Sara Coqueiro,
conterrânea da negrinha,
a Bitá Andrade opulenta
e a Guilhermina Ferreira,
de linhagem portuguesa,
todas três no mesmo embalo,
à procura dos tostões
do povo naqueles idos.

Mas nenhuma superava
a vendedora modesta
que, convincente no trato,
ela mesma apregoava:
"compre, compre, minha gente,
o gostoso da pretinha!"
Ah! aquele tabuleiro
pejado de finos doces,
de cocadas saborosas,
de pães-de-ló da vovó!

2.^A P A R T E

CATEDRAL DE MANAUS

A velha Catedral de minha terra,
silenciosa e imponente,
domina sem artifícios
toda a paisagem do Porto,
do povo que nela reza
é bem o fulcro da Fé.

Celebrizou-a a Santa Padroeira,
Senhora da Conceição,
mantida com reverência
desde os primórdios do Negro,
pelos padres carmelitas
de Mariuá ou Barcelos.

De arquitetura sóbria e centenária,
tem suas torres erguidas
para o alto, disse o poeta,
como braços gigantescos,
naqueles idos votivas,
que ascendiam até aos céus.

É a ara sacrossanta em evidência
de nossas preces a Deus,
da íntima convicção
na doutrina de Jesus,
que aprendemos desde cedo,
dos pais que tanto nos amam.

Catedral de Manaus, quanto te quero,
em teus umbrais recebi
águas lustrais do batismo
confirmado pelo crisma,
genuflexo em teus altares
me torno melhor cristão!

MISSA DAS DEZ

Missa das dez, nos idos da Matriz,
dominical, festiva pelos sinos,
solene na eclosão de tantos hinos,
tornava a cidade mais feliz.

Nos púlpitos, flamantes, avultavam
as vozes de antístetes famosos,
todos fazendo jus a elogiosos
comentários do povo, que ensinavam.

Manaus viveu, em tais anos volvidos,
o resplendor da Fé, intensamente,
nutrida pelos cultos repetidos.

Hoje, tranqüilo, o templo centenário,
sem pompas, aos domingos, persistente,
espera esse passado legendário.

PRAÇA DA MATRIZ

A praça da Matriz já foi florida,
quando antigos prefeitos da cidade,
querendo prestigiar a mocidade,
dela faziam área preferida.

Além do chafariz, que é arte pura,
com jorros d'água e luz em profusão,
havia espaço onde o povo então
uns momentos fruía de ventura.

Ali, naqueles bancos confortáveis,
jovens namorados desses idos
diálogos mantinham amoráveis.

Até que a velha Igreja anunciasse
o *Angelus*, nos dobres repetidos,
e a hora dos idílios terminasse.

GRAÇA ALCANÇADA

As compras eram feitas com agrado,
após o desjejum de cada dia,
chovesse ou não chovesse, lá se ia
bem de manhã o jovem ao mercado.

Aconteceu, porém, que, certa feita,
deixou ele cair pelo caminho
o dinheiro guardado no bolsinho
talvez esfrangalhado da jaqueta.

Tomado de aflição, em meio aos prédios,
invoca o recurso medianeiro
da santa milagrosa dos Remédios.

Passos medidos, fé bem altaneira,
foi achado o perdido por inteiro
nos sulcos do lajedo da ladeira!

DIANTE DE JESUS

Davam os sinos as seis daquele dia,
em São Sebastião, templo sagrado,
quando, cheio de angústia, fui sentado
à mesa destinada à cirurgia.

Ao alto, na parede, em minha frente,
havia um grande quadro de Jesus,
com que, lábios em preces, me dispus
a segredar a sós, humildemente.

Pouco depois entregue aos doutores,
os bons samaritanos desta vida,
dormi a sono solto, sem temores.

Ao despertar, o tom de voz barrado
ainda na garganta algo sofrida,
vi que Jesus cedera ao sussurrado!

ADOLESCÊNCIA

Adolescência é o fulcro de arrancadas
a prol de um ideal,
que desconhece lindes,
e põe nas investidas quixotescas
todo o vigor das forças,
tornando-as invencíveis.

Não há, para as reformas em perspectiva,
adequados princípios,
ou normas respeitáveis;
a vida tem que ser reformulada
ao sabor da corrente
em pleno movimento.

É a fase do nós psicológico,
em jovens que se irmanam
e se transformam em grupos
de reivindicações irreversíveis,
nos "Grêmios Literários",
nos pequenos jornais.

Cada orador exalta os grandes vultos
da história universal,
do Panteon da Pátria,
e surgem assim, envoltos pela fama,
futuros homens públicos
de sólidas visões!

IN MEDIO STAT VIRTUS

Desde cedo pratiquei
o convívio com recato:
antes o homem pacato
que o monstro fora da lei.

Nos estudos do primário,
do soletrado à leitura,
mantive a mesma brandura,
não imitando o sicário.

Evitei ser "decoreba",
nas sabatinas de bolos,
em que sofriam os mais tolos,
tornando esta vida acerba.

Mais tarde no secundário,
com latim e línguas vivas,
de leituras cansativas,
tudo fiz pelo ideário.

Houve matéria frustrada,
no tanto quanto possível,
a matemática horrível
e a química complicada.

Só me atraía o francês,
a Língua Pátria formosa,
na poesia e na prosa,
além do sotaque inglês.

O latim deu-me agonias,
em condições suportáveis,
desde os casos declináveis
aos textos de antologias.

Mas, nesses estudos, quase
ao adentrar o Direito,
compreendi que, com efeito,
o meio termo é a base.

CANÇÃO DE FÉ E ESPERANÇA

Ouvi-a das "torrinhas" do Teatro
ainda na adolescência,
ao frequentar o "D. Bosco",
bem longe de calcular
que de futuro seria
discípulo do orador.

O Templo engalanado como nunca,
e num clima salutar,
em que todos reunidos
sem malquerenças nem ódios",
só aspiravam dali
a redenção do Amazonas.

Álvaro Maia, usando da paiavra,
em nome de tantos jovens,
que então confraternizavam,
num compromisso honroso,
desdobrou altissonante
o programa a ser cumprido.

Começou por falar intuitivo,
numa tomada de contas,
aos ancestrais valorosos,
das tribos que se uniram
para o extermínio completo
dos escalões invasores.

Aqueles que, em entreveros se empenharam,
em procura do ideal,
no sentido de que um dia
todos vivessem a prol
de uma pátria soberana,
senhora de seu destino.

Com a palavra viril de quem liberta,
lançando com elegância
as louçanias do idioma,
tornou-se o vexilário
de todos os conterrâneos
que no local se encontravam.

As palmas que surdiram no recinto,
uníssonas, expressivas,
anos depois explodiram
frementes nas praças públicas,
nos concios ululantes,
que então se multiplicaram.

Hoje a "Canção de Fé e Esperança",
deve ser a nova bíblia
de quantos aqui nasceram,
pois prega a caboclitude
bem útil na hora exata,
na hora da redenção!

MOCIDADE

A mocidade exorta para a luta,
em proporções mais amplas
aos universitários,
cada qual cavaleiro caminhante,
todo ungido de fé,
fito em seu Santo Graal.

De teorias fica o jovem cheio,
na senda do Direito,
da Engenharia exata;
referto de lições de Medicina,
para a nobre missão
de sarar os enfermos.

Ei-lo então na arrancada, sobranceiro,
viril, desinibido,
adentrando nos Templos,
para neles fruir a sapiência,
adquirindo, enfim,
a sùmula do bem.

Feliz de quem aprende nesses Templos,
de lentes devotados
as lições magistrais,
e pode, logo após à formatura,
entrar sem frustrações
na luta pela vida!

EGO SUM QUI SUM

Nasci em lar bem modesto,
sem alarde, sem protesto,
de pai bastante tratável,
de mãe de zelo adorável.

Em meio a preces votivas
de um Natal convidativas,
que então se mesclavam aos hinos
do Ano Bom pelos sinos.

Sagrou-se a infância feliz
com as mil travessuras que fiz,
as noitadas das "quermesses"
que culminavam nas preces.

Da adolescência renhida,
relembrarei toda a vida,
dos prélios então travados
nos ginásios frequentados.

As lutas sérias, "em frente",
da mocidade valente,
desde a "Vitória dos Novos"
que se integraram às dos Povos.

Assim, do "ego sum qui sum",
que falei a cada um,
tornei o princípio aplicado
de um labutar aturado.

MUIRAQUITÃS

Rezam crônicas antigas,
já sabidas de Orelhana,
que ameríndias legendárias,
alcunhadas de Amazonas,
ou também de Icamíabas,
costumavam ofertar
aos amantes, no amor —
Guacaris os preferidos,
dos frontões do Nhamundá —
as mirins muiquitãs.

Lindas peças de jaíde
do lago em que a Lua
se mirava envaidecida,
das quais o vero poder
consistia em propiciar
boa sorte pela vida,
farta saga nos roçados,
pescarias dadivosas,
transmudando lerdos bugres
em viris marupiaras.

Decorreram assim os anos,
na Hiléia gigantesca,
sem que em tais pedras famosas
esvaísse o tom mirífico,
e até no século XX,
das viagens pelo espaço,
nelas ainda persiste
o carisma milenário
que proveio de ancestrais!

CHEGADA DOS SALESIANOS

Dom João Irineu Joffly, um dia,
lançou convite aos filhos de D. Bosco,
a fim de que também gentis conosco
a Manaus viessem ter com bonomia.

Dois eram os sacerdotes que chegaram
em vinte e um — de piaga bem distante —
convictos da missão nobilitante,
a que dois irmãos leigos se aliaram.

Foi-lhes cedido o Paço Episcopal,
para instalarem as aulas, num repente,
inclusive atração dominical.

E assim, em luta intensa, como em guerra,
Ghislandi e Agostinho, heroicamente,
deram um Colégio aos jovens desta terra!

TIRADENTES

No Panteon da Pátria ele refulge
como *primus inter pares*
dos irmãos da mesma crença,
querendo vê-la próspera e feliz,
ao encarnar esse anseio
na arrancada do destino.

A idéia assoalhou com entusiasmo,
nas demarches em sigilo,
auscultando o povilêu,
levando-a assim por todas as distâncias,
como vera aspiração,
em sentido irreversível.

Preso e exibido aos títeres da côrte,
não desfez o declarado,
nem sentiu vacilações;
queria postergado o esbanjamento,
a evasão do "lastro-ouro",
a "cobrança da derrama".

O gesto lhe valeu a reclusão,
vergastadas doloridas
em latíbulos sombrios,
cuja finalidade era deixar
em melhor perspectiva
os senhores do poder.

Daí por que ficaram inexequíveis
os apelos dos reinóis,
sempre lépidos nos golpes,
certos de que em tempo ensejariam
benemérito indulto
da senil Maria I.

Mas o traço viril do herói foi,
sem qualquer eiva de dúvida,
para os grupos de prosélitos,
o de sacrificar a própria vida,
com incrível ousadia,
a dois passos só da força.

E na consulta, à hora culminante,
sobre o último desejo,
no indagar do confessor,
limitou-se a dizer, olhos nos céus,
incisivo: "Quero apenas
que abreviem minha morte!"

VEIXILARIOS DA LIBERDADE

Com as aulas no Palácio Episcopal,
para pequenas turmas,
não mais de meia dúzia,
deram os Salesianos em Manaus
início à sua obra
de grandes proporções.

Na direção formou Pedro Ghislandi,
o cérebro do grupo,
de tratamento lhano;
Agostinho Martin, dínamo-humano,
à frente dos alunos,
mantendo a disciplina.

Deusedith e Oscar, os dois irmãos
leigos, já adestrados
para o curso primário;
na cozinha o Ambrósio comandava,
preparando o farnel
dos lentes camaradas.

De dia eram as aulas assim dadas
pelos padres e leigos,
em perfeita harmonia,
e à noite, em condições algo modestas,
recebiam instrução
os filhos de operários.

Foi enorme a mudança em todo o ensino
adotado entre nós,
nos colégios primários;
livros de Felisberto e de Lacerda,
com perguntas-respostas,
jogados de escanteio.

Repentina extinção da palmatória,
dos milhos nos joelhos,
ou de "orelhões de asnos",
do aceno para "ir minutos fora",
quando o aluno ficava
encerrado na ampulheta.

Na sala principal do educandário,
além dos "boletins"
com notas dos estudos,
vinha aquele suntuoso "Quadro de Honra",
com nomes dos melhores
nos diferentes cursos.

Concretizou-se assim, em vinte e um,
há mais de meio século,
nesta rechã sagrada,
o sonho de D. Bosco venerando,
de esparzir pelo mundo
a luz da Liberdade!

3.^A P A R T E

PALACIO RIO NEGRO

Estilo "art nouveau", que já foi moda em Manaus, em seus dias de esplendor, quando na urbe, além de um **Pensador**, havia um **Sholz**, rei da praça toda.

"Rei da Borracha", assim era exalçado, pelo vulto das compras sibilinas, senhor das louras libras esterlinas, capaz de tudo ter selecionado.

Travesso solteirão, até convinha ser dedicado a alguma esposa amiga, a verdade, entretanto, é que a fadiga só das noitadas, em rigor, lhe vinha.

Boêmia excessiva, até bem tarde, sem preocupações com amanhã, fazendo desta terra uma rechã de seus muitos amores sem alarde.

No recesso a mansão ornamentada, tudo de bom que havia pra deleites, cortinas de veludo e tapetes, finos cristais em mesa atulhada.

Por fora, no jardim bem arrumado,
as exóticas flores olorosas,
as piscinas e as fontes luminosas,
dando a impressão de um mundo encantado.

Os pátios amplos, todos povoados,
à entrada, no centro, nas palmeiras,
de garças, jaburus e colhereiras,
em busca de peixinhos pintalgados.

Eis a mansão que Sholz, compreensivo,
vendeu a Bacelar que, em nosso Estado,
além de primeiro magistrado,
queria opulentar o Executivo.

Em sede de governo erigido,
com salas e mobílias elegantes,
PALÁCIO RIO NEGRO, por davante
passou a ser por todos conhecido.

Quanto ao luxo, nenhuma novidade,
o jardim com as flores variegadas,
piscinas todo tempo bem cuidadas,
e os pássaros nos pátios à vontade.

Tais aparatos foram suprimidos,
por falta de recursos financeiros,
naqueles dias mais do que vasqueiros,
de governantes inda mal providos.

A vitória dos novos, finalmente,
conquistada nos pleitos eletivos,
firmou, em trinta e cinco, os altivos
manauaras no mando permanente.

CACHOEIRINHA DE ONTEM

Extenso e populoso, assim cresceu
o Bairro, no tumulto o dia inteiro,
cada habitante um bravo companheiro
na área abençoada em que nasceu.

O Mercadinho farto, sempre em festa,
nas ruas, resfolgando, ônibus passam,
morenas e mulatas se entrelaçam
aos alegres boêmios das serestas.

Cordões carnavalescos em cortejos,
bumbás alvoroçando a garotada,
pastoras e presépios em festejos.

Que linda a Cachoeirinha, enternecida,
daquele tempo, agora lembrada,
do poeta que espontou para esta vida!

QUERMESSES DE SANTO ANTONIO

Logo após às funções religiosas
na capelinha azul do Santo Orago,
ficava o arraial sem lugar vago,
entregue às atrações maravilhosas.

Além da exímia banda da Polícia,
de repertório sempre requintado,
no vasto largo todo iluminado
havia o Carroussel, uma delícia.

Guloseimas do povo nas vendeiras,
pamonhas, tapiocas, munguzá,
mesas fartas em bases costumeiras.

Tudo levava ao jogo, em nuances,
nas bancas em que as jóias — sabe lá —
como que convidavam para os lances!

BONDE DO GOVERNADOR

Diferia dos bondes conhecidos,
dos grandes que faziam "circulares",
e dos pequenos, muito populares,
que andavam em Manaus naqueles idos.

Só saía da usina em feriados,
com o Governador e a comitiva,
ou ainda em qualquer data festiva
com gringos europeus aqui chegados.

Motoristas de fardas elegantes,
brancas ou azuis, e luvas no rigor,
com seus botões dourados, rebrilhantes.

Desse bonde ficou somente a imagem,
com poltronas de vime, um primor,
que ensejavam conforto na viagem.

BONDES DA "TRAMWAYS"

Eram os bondes da "Tramways" confortáveis, com bancos muito bem estilizados, marcha segura, freios controlados, e que ensejavam dias agradáveis.

As voltas na cidade se tornavam apazíveis, no centro e circulares, os pequenos bastante regulares, enquanto os "duas lanças" esnobavam.

Pelos trilhos corriam sem temores, tanto quanto possível pontuais, sem precisar de filas com rancor.

Havia, na estação, pelos horários, maior interferência de fiscais, que evitavam a extorsão dos salafrários.

CARNAVAL DE RUA

O Carnaval de rua em Manaus,
na década de vinte,
surgia na Avenida,
com fúlgidos cordões bem ensaiados,
dos Índios, dos Suraras,
das Flores, Regadores.

Era a "quadra momesca" alucinante,
com o "Brigue Independência",
num símile de cisne,
em verdade o cordão mais alinhado,
melhor que o "Linguarudos",
ou mesmo o "Lavadeiras".

"Linguarudos" do Thiago Wanderley,
de ensaios caprichados,
à frente o **Morceguinho**,
ensejando com chiste a liderança
dos guapos foliões
que passavam brincando.

Que festa popular tão animada,
na base da bisnaga,
serpentina e confete,
em meio à animação dos mascarados,
românticos pirrôs
e meigas colombinas!

EM TORNO DAS FOGUEIRAS

Nas festejos juninos de outros tempos,
fogueiras crepitavam,
subiam os balões
à altura dos céus enfumaçados,
e em torno das fogueiras
os jovens deambulavam.

De repente irrompiam surdos baques,
à guisa de batuques,
em noites de folgedos;
era o rei dos bumbás, o Garantido,
com negro Jeremias
de lances invulgares.

O elenco desfilando por inteiro,
desde o amo elegante,
com ditos suasórios,
aos destemidos índios e vaqueiros
que, de armas empunhadas,
regiam a funçanata.

E que dizer do pífilo Pai Francisco,
falando num bitate
à sua companheira,
a Catirina fértil nas zumbáias,
com as ancas volumosas,
e o filho Cazumbá?

MULHER DOS BANQUINHOS

Morena de cabelos anelados,
sem a menor vaidade,
a tudo assistindo atenta,
com sorriso mais que puro,
era de vê-la disposta
pra luta de cada dia.

Surpreendida, coitada, num desastre,
teve as pernas amputadas,
com que se locomovia,
depois usando banquinhos
supriu resolutamente
as pernas que lhe faltaram.

Da Cachoeirinha então rumo à cidade
seguia como os demais,
de bonde, sem atropelos,
devido à ajuda prestada
por condutores amigos,
nas subidas e descidas.

Manaus naqueles idos memoráveis
já era tentacular,
com centro movimentado,
lojas deveras sortidas,
restaurantes de primeira,
cinemas em grande estilo.

Pois foi essa mulher dos dois banquinhos,
com destino de "auvergnant",
que jamais cansou de andar,
e a quantos a conheceram,
mostrou que todos na vida
precisam "correr em frente"!

MESSIANA

Demais se embriagava nas tavernas,
por vício ou frustração, nem mesmo ela
podia assegurar se fôra dela
a sina de bambeare nas próprias pernas!

Quando nova, gentil, as faltas suas
os amos relevavam na empregada,
anos depois, exausta e sem pousada,
à-toa caminhava pelas ruas.

À casa de patrões, falando tanto,
cambaleando e vendo muito mal,
quanta vez não chegou banhada em pranto.

Alheias a coerções da vida insana,
famílias toleravam a serviçal,
à boa e prestimosa Messiana!

REZADEIRA

Era anjo tutelar da vizinhança,
na cura do mau-olhado, ou do quebranto,
exímia nas cantigas de acalanto,
ou em vigília em berço de criança.

De lhano trato, os gestos maternais,
capaz de tudo ver sem ter inveja,
passava as horas vagas na Igreja,
em solicitações devocionais.

Quantas vezes chamada, à cabeceira
de doentes assistiu, rosário à mão,
à espera da hora derradeira.

Devota assim viveu Maria Bernarda,
entregue à Caridade e à Oração,
dormindo em simples catre de mansarda!

FUTEBOL NOTURNO

Na Parada Campelo, em dezessete,
à noite, sob a luz de um lampião
da Tramways, reunia-se o esquadrão
que nesse tempo já pintava o sete.

Xenofonte, Severo e o Meroça,
Hermógenes, Carmino e Babá,
eis alguns amadores que por lá
treinavam o pebol predominante.

Foram eles, parece, introdutores
do futebol noturno, em pé de guerra,
com justos galardões consagradores.

No Parque Amazonense, anos depois,
ou no Campo do Luso, em nossa terra,
jogaram nessas canchas como heróis.

BANHOS DE IGARAPÉ

Igarapé das águas cristalinas,
alígeras, fluentes,
temperatura amena,
com delicadas orlas cor-de-cana,
a todos convidando
para o banho saudável.

Manhãs ensolaradas de verão,
rumorosas, festivas,
grupos heterogêneos,
brancos, morenos, negros e mulatos,
todos saltando nágua,
bulhentos e felizes.

Enxameando nessas águas puras,
românticas, rolantes,
gostosas pra valer,
cruzavam os peixinhos coloridos,
como que comungando
da alegria reinante.

Banhos de igarapé, inesquecíveis
verões da Cachoerinha,
de noites exultantes,
período da laranja e do caju,
com cangapés e trotes,
na salga dos friorentos.

Nos quatro balneários desse Bairro,
do Quarenta e Raiz,
da Bacia e Pancada,
havia em cada um, esfuziante,
o prazer de viver
da nova geração!

JOSÉ GUARDA-CIVIL

Era assim José Marujo
dos gaiolas de meu pai,
acostumado às faxinas
de bordo, manhã cedinho,
comendo ainda em bandeja,
sem o luxo do talher.

José na roda do leme,
sujeito às horas do "quarto",
só subindo a promenade
para entrar de serviço,
sem poder se recostar
quando bem lhe conviesse.

Marujo de faca à cinta,
americana acerada,
capaz para toda obra,
durante as longas viagens,
na iuta dos tombadilhos,
no corte da canarana.

Um dia José chegou
em casa, assim de surpresa,
agora guarda-civil
com o quepe e botas pretas,
farda de cáqui na moda,
empunhando um cassetete,
pelo visto de borracha.

Garoto tolo de bairro,
indaguei meio encucado:
pra que serve o cassetete?
e José compenetrado,
respondeu ao curioso
que "cassetete era a lei"!

No curso, porém, dos anos,
e em face das circunstâncias,
dos casos incontornáveis,
cassetete foi porrete,
guarda-civil surrador
dos desvalidos da sorte,
e até de ginasianos!

EXALTAÇÃO À CACHOEIRINHA

Não há bairro com tantas tradições,
nesta Manaus ridente e solaçosa,
que exhiba um boi de fama estrepitosa,
ou lindas pastorais para salões.

Oh! quermesses do Largo, que faziam
a Santo Antonio, o orago das solteiras!
oh! batuques nas noites prazenteiras,
em honra a Mãe Joana, os que a seguiam!

"Linguarudos" do Tiago Wanderley,
um dos cordões com chiste e com derricho,
transformando a alegria em pura lei.

Era essa a Cachoerinha decantada,
que tinha dos recreios o feitiço
nos banhos da Raiz e da Pancada!

MATURIDADE

É a fase do equilíbrio da existência,
quando o homem adquire
domínio de si mesmo,
e lhe surge o status para a luta
que deve defrontar
pelo curso dos anos.

Disso resulta o amor à própria vida,
em busca do ideal,
na vontade de ser
alguém no mesmo meio em que labuta,
senhor de seus direitos,
capaz pelos seus atos.

Porque a vida, segundo o grande vate,
é entrevero renhido,
de músculos retesos,
e nessa maratona de surtidas
só os fracos estancam
afinal abatidos.

Maturidade é isto: o homem afeito
aos vendavais da vida,
traçando rumos certos,
disposto a tudo ver com estoicismo,
um símile de Deus
na prática do bem!



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS
1918 · 2018



AMAZONAS
CULTURA DE
VALOR

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

